



O papel do Estado no desenvolvimento da Internet Chinesa

Rodrigo da Cunha Brites, graduando em Relações Internacionais pela UFRGS

1. Resumo

O presente trabalho pretende compreender o **papel dual do Estado Chinês na estruturação e consolidação da Internet Chinesa** e os impactos da inserção de suas empresas e políticas no espaço internacional. Considerada pelo Partido Comunista Chinês como fator estratégico para o desenvolvimento econômico, por um lado, esse efetua políticas que estimulam a difusão da Internet, por outro, manifesta uma preocupação crescente com as implicações políticas que possam enfraquecer o partido, controlando cada vez mais o uso popular da internet. De caráter exploratório, a pesquisa centra-se, então, na utilização de relatórios governamentais e relatórios de empresas chave nesse setor – Huawei, China Mobile e Alibaba – para descrever historicamente essa evolução a partir de uma análise de discurso crítica. Assim sendo, entende-se aqui que tal dualidade gera um **discurso de governança da Internet nacionalista** e um fortalecimento da posição chinesa nesse setor, **desafiando a posição do Estado e empresas norte-americanas até então hegemônicas.**

2. Problemática da Pesquisa

As **tecnologias da informação estão no centro das discussões atuais sobre poder global** e, para muitos estudiosos, o domínio sobre Inteligência Artificial, sobre tecnologia 5G, sobre processamento de dados e criptomoedas deve ser considerado tão disruptivo quanto a bomba atômica foi para o século XX ou a máquina a vapor, para o XIX. Nesse debate é que se insere a República Popular da China. Atualmente, a **China contém a maior população de usuários de Internet** no mundo e suas empresas de tecnologia vêm ganhando expressivamente o mercado mundial. Sua consolidação como importante ator nesse cenário de remodelamento do capitalismo, vem gerando um **reequilíbrio das relações de poder** internacionais ausente desde o fim da Guerra Fria, quando houve a debacle do campo socialista. É a primeira vez desde a dissolução da URSS, que surge um **modelo alternativo** aos ancorados nos EUA e na União Europeia, um modelo que também se reflete na Governança da Internet. Entende-se, então, que a Internet e a China formam dois dos pilares do remodelamento da economia política internacional, sendo assim necessário melhor compreendê-los para que haja uma inserção ativa do Brasil nesse contexto.

3. Objetivos

A pesquisa tem por objetivo geral analisar o papel do Estado na estruturação da Internet Chinesa e seus impactos no sistema internacional.

Como objetivos específicos:

- 1) Entender em perspectiva histórica o papel do Estado Chinês no desenvolvimento e sua relação com o capital nacional e estrangeiro;
- 2) Compreender as consequências desse desenvolvimento sobre a economia e sociedade civil; e
- 3) Identificar os impactos sobre o sistema internacional, pontuando-os no estudo de caso da Huawei.

4. Referencial Teórico

Compreendendo aqui, como Castells, que “a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional” (2016, p. 70) e, portanto, que, independente das transformações, esse novo arranjo mantém estruturas de poder que têm como base as forças produtivas, o referencial teórico deste trabalho é a **Economia Política Crítica**. Assim, coloca-se aqui um peso fundamental no **papel do Estado**, não o autonomizando/descolando das dinâmicas econômicas, mas também não o limitando a essas. Assim como para Robert Cox, entende-se que “a produção gera a capacidade de exercer poder, mas o poder determina o modo que a produção se organiza” (1987, p. 1). Dessa forma, utiliza-se a estrutura metodológica desenvolvida pela pesquisadora Hong Shen (2016). Hong Shen, no que diz respeito a Internet, afirma que teoria Econômica Política Crítica “explorará as contradições e contingências das políticas públicas” de desenvolvimento e “enfatizará o poder estrutural que produz tal sistema midiático” (PICKARD apud HONG, 2016, p. 2). Segundo Shen, “essa conceitualização considera a Governança da Internet como um espaço não somente de controle político e conflitos geopolíticos, mas também da construção capitalista” (2016, p. 3), e, por isso, percebe a luta inter-capitalista pela distribuição de riqueza que provém desse setor. Em sua análise, a **autora “quebra” as unidades analíticas Estado e Capital em diferentes atores que as representam, neste trabalho utiliza-se um modelo analítico semelhante, indicado na figura.**

5. Conclusões

A partir da década de 90, o Governo chinês passou a compreender o peso das novas tecnologias como estratégico na manutenção de um desenvolvimento econômico de longo prazo, ampliando seus incentivos ao setor e permitindo a entrada de empresas estrangeiras, inclusive norte-americanas, como nos **Golden Projects**. Mesmo assim, sempre o considerou como sensível para a segurança nacional e por isso mesmo manteve-o sob o rígido controle do Ministério da Informação e Indústria. Dois instrumentos muito usados nessa estratégia foram as compras públicas e o estabelecimento de padrões técnicos de tecnologia. Posteriormente também se formula a **estratégia Going Global**, que procura criar os chamados campeões nacionais para se internacionalizarem, mudando assim a imagem das indústrias chinesas de meras produtoras de bens de pouco valor agregado e baixa qualidade. Além dessa, em 2006 foi iniciado o **programa de “inovação autóctone”** para a promoção de marcas e inovações chinesas em setores intensivos tecnologicamente. Tais estratégias permanecem ativas e se relacionam com a **consolidação da Huawei** em solo europeu que, além dos preços baixos e da alta qualidade dos últimos smartphones, utilizou uma política de *softpower* fazendo doações a escolas de elite, a líderes políticos e a caridade, medidas que abriram os mercados de países como Alemanha e Inglaterra. O caso recente da Huawei pode ser considerado um sintoma da disputa entre China e EUA. De uma perspectiva mais ampla, os EUA, por meio da guerra comercial e de outras estratégias, buscam limitar o avanço chinês na economia mundial.

6. Referências Básicas

- ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. Boitempo editorial, 2008.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Editora Paz e Terra, 2018.
- CHOUCRI, Nazli. Cyberpolitics in international relations. MIT Press, 2012.
- COX, Robert W. **Production, power, and world order: Social forces in the making of history**. Columbia University Press, 1987.
- NOGUEIRA, Isabela. Estado e Capital em uma China com Classes. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 22, n. 1, 2018.
- NOGUEIRA, Isabela. O lugar da China na economia-mundo capitalista da Wallersteiniana. *Textos de Economia*, v. 11, n. 1, p. 39-53, 2008.
- NEGRO, Gianluigi. The Internet in China: from infrastructure to a nascent civil society. 2017.
- SHEN, Hong. China and global internet governance: toward an alternative analytical framework. *Chinese Journal of Communication*, v. 9, n. 3, p. 304-324, 2016.
- ZHANG, Ying. Alliance-based network view on chinese firms' catching-up: case study of Huawei technologies co. ltd. 2009

COM O APOIO:



FICHA TÉCNICA

Autor: Rodrigo da Cunha Brites
Orientadora: Prof. Dra Gláucia Campregher
Pesquisa: ESTADO E CAPITAL: DOS ASPECTOS TEORICOS-METODOLOGICOS AS ANALISES EMPIRICAS ENVOLVENDO ECONOMIA E RELACOES INTERNACIONAIS.

4.1 Esquema 1: Referencial Metodológico

